

ALFABETIZAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Sílvia Magaly da Silva Lima

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – silvia_magally@hotmail.com

Aparecida Suiane Batista Estevam

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - suianebatista@gmail.com

Beatriz Andrade dos Santos

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - beatrizandradesantos@gmail.com

Francisco Roberto Diniz Araújo

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – robertodinizaeemd@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho visa inicialmente despertar na sociedade e principalmente nos educadores o desejo de conhecer um pouco mais a fundo o processo de alfabetização, como este atua na sociedade, quais suas principais características e em que perspectivas se dividem, visando ressaltar que este processo se torna tão complexo devido as diversidades sociais, culturais, religiosas e raciais existentes em um mesmo espaço educacional que visa primordialmente o alcance da aquisição da linguagem e da escrita de forma padronizada e baseada na norma culta. Objetivamos também, reconhecer e valorizar a importância de se ter o acompanhamento da família, da escola ou do professor nesse processo “inicial” da educação de uma criança, já que inicialmente tudo lhe é estranho e desconhecido, o que conseqüentemente a fará necessitar desse acompanhamento para se adaptar as novas regras e sistematizações introduzidas em sua vida. Nessa perspectiva consideramos de suma importância dialogarmos com alguns teóricos, tais como: Solé (1998). Soares (2011) Ribeiro (2003) que discutem a alfabetização e a influência desse processo no desenvolvimento educacional humano, visando obter um maior embasamento teórico e qualitativo, o que nos faz afirmar ser este artigo um trabalho resultante de um levantamento bibliográfico e de cunho qualitativo.

Palavras-chave: Alfabetização, leitura, escrita, formação do sujeito.

Introdução

As práticas inicialmente usadas no processo de aprendizagem da criança são consideradas tradicionais e monótonas, pois para muitos professores a única forma da criança conseguir adquirir a aquisição da linguagem e da escrita é por meio de processos repetitivos e de separação silábica

simples e sabemos que isso não se adequa mais a realidade de hoje, pois as crianças estão introduzidas em uma era totalmente tecnológica e informatizada e para atraí-las, enquanto educadores, precisamos nos desprender da passividade e mecanicidade e passarmos a instigar a formação de sujeitos críticos-reflexivos por meio de ferramentas que as atraiam e as façam se sentir parte do processo educativo.

O olhar sobre o processo de alfabetização vem alcançando algumas mudanças no que diz respeito a sua “utilidade”, pois há algum tempo atrás este processo era visto apenas como um meio para se adquirir a leitura e a escrita, atualmente a alfabetização é vista como um processo que envolve a construção do conhecimento, que pretende reconhecer os indivíduos como sujeitos autônomos capazes de transformar a si e a sociedade, tornando esta última em um espaço mais justo, igualitário e humano.

Por ser tema de inúmeras discussões e trazer várias problemáticas a alfabetização é considerada complexa, sendo assim objetivamos nesse trabalho despertar na sociedade e principalmente nos profissionais que atuam na área da educação o desejo de conhecerem melhor a alfabetização, para que conscientes dos seus papéis possam refletir sobre a relevância deste processo para a transformação de si e da sociedade.

Tendo em vista a complexidade desse processo, ressaltamos que muitas vezes a mesma está relacionada a grande diversidade social, racial, religiosa ou cultural em um mesmo espaço, o que conseqüentemente dificulta a ação do professor em atingir a todos de forma igual e até mesmo os alunos que muitas vezes deixam de tomar determinadas atitudes devido ter medo ou vergonha de se expressar da forma que aprendeu em seu espaço cultural e não da forma que a escola dita e incorpora em seus discursos, além disso poderá está relacionada também.

Nessa perspectiva consideramos importante fazer um levantamento teórico para dá sustentabilidade ao trabalho, já que este classifica-se como bibliográfico e qualitativo, pois como afirma Gonçalves (2001, p. 65) a pesquisa bibliográfica é “aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno”. Sendo assim, ao realizarmos um levantamento teórico, dentre a vasta biblioteca que trata do tema deste trabalho, utilizamos os autores: Solé (1998), Soares (2011) Ribeiro (2003), dentre outras publicações que consideramos relevante e significativa para o trabalho em pauta, nessa perspectiva esclarecemos as ideias desenvolvidas ao longo do presente artigo e oferecemos uma visão ampla acerca daquilo que nos propomos a discutir.

Resultados e Discussões

Conceituando a Alfabetização

A alfabetização é um dos processos mais complexos que o sujeito enfrenta em sua vida escolar, pois é nessa fase que acontece o primeiro contato da criança com a sistematização de ideias, com conceitos, normas e pessoas até então desconhecidas e que não faziam parte da sua realidade social, mas a partir dessa introdução na escola tudo isso passa a ser vivenciado pela criança cotidianamente, cabendo a esta se adaptar a nova realidade que a cerca.

Segundo Solé (1998, p.50) “A alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e escrever [...]”. Sendo assim a alfabetização a princípio será considerada pela autora, um processo mecânico que volta se apenas para a aquisição da linguagem e da escrita. Neste caso, questionamos: será que a alfabetização se volta ou deve voltar-se apenas para o aprender a ler e a escrever? A alfabetização deve se limitar a ser apenas um processo mecânico e passivo?

Diante desse questionamento, nos voltamos para a realidade na qual vivemos e percebemos que neste caso, a educação ainda tem que ser repensada em alguns sentidos, pois ter pessoas capazes de ler e escrever não é suficiente para se ter pessoas críticas e reflexivas frente a uma sociedade muitas vezes capitalista e alienante, e indo mais além, não se forma neste aspecto sujeitos capazes de usar o conhecimento adquirido ao longo do tempo para transformar a si mesmo e realidade que o envolve enquanto sujeito social.

Nessa perspectiva, afirma Soares (2011, p.16), “[...] a alfabetização seria um processo de compreensão/expressão de significados, “um processo de representações que envolvem substituições gradativas” [...]”, ou seja, neste caso a alfabetização não se volta apenas para o saber ler e escrever, mas volta-se também para a compreensão do mundo, para a construção de sentido de acordo com as interpretações dadas as figuras, as imagens, os desenhos ou as palavras.

Embora o processo de alfabetização seja exigido pela sociedade, cobrado e exercido pela escola, este processo não acontece de forma igual para todos os sujeitos, pois esses possuem especificidades próprias, ou seja, carregam em si, culturas, crenças, princípios e valores que os diferenciam dos demais. Nesse sentido de acordo com Soares (2011) a alfabetização é um processo individual, mas que se volta para o aspecto social do indivíduo, respeitando assim, o tempo e as peculiaridades de cada sociedade e/ou indivíduo.

As múltiplas características do processo de Alfabetização

A alfabetização agrega não somente uma habilidade, mas um conjunto de habilidades e é por conter múltiplas características que esta se torna complexa. Sendo assim, essas variedades referem-se as perspectivas psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas.

No que diz respeito a perspectiva psicológica, pode-se afirmar que a mesma está voltada para os estudos sobre os processos psicológicos considerados como essenciais para aquisição da alfabetização e os processos psicológicos por meio dos quais o sujeito aprende a ler e a escrever.

A perspectiva psicolinguística de acordo com Soares (2011, p. 19) “[...] volta-se para análise de problemas, tais como a caracterização da maturidade linguística da criança para a aprendizagem da leitura e da escrita, as relações entre linguagem e memória, a interação entre a informação visual e não visual no processo de leitura [...]”. Ou seja, está preocupada com os problemas que a criança enfrenta para conseguir adquirir “perfeitamente” a leitura e a escrita.

Na perspectiva sociolinguística a alfabetização é um processo que está relacionado com o meio social, além disso estuda também o uso social da língua, ou seja, como os indivíduos utilizam a linguagem em seu contexto social, quais os dialetos são falados na linguagem oral de diferentes grupos sociais, que tipo de linguagem escrita é trabalhada em cada comunidade/região. Dessa forma, a sociolinguística considera as diferenças linguísticas existentes na sociedade e como essa realidade irá afetar/interferir no processo de alfabetização dos sujeitos, que trazem para a sala de aula os conhecimentos da língua adquiridos em seu ambiente de socialização.

Dessa forma podemos perceber que as diferenças existentes na linguagem podem influenciar o processo de alfabetização, pois são trazidos para a fala e para a escrita do sujeito, marcas de seu contexto social. Segundo Solé (2001, p.20) “[...] Essas diferenças alteram, fundamentalmente, o processo de alfabetização, que não pode considerar a língua escrita meramente como meio de comunicação “neutro” e não contextualizado; [...]”, ou seja, o processo de comunicação será marcado pela cultura e pelos valores do meio em que o sujeito está inserido, e esses irão marcar o processo de alfabetização, em que cada sujeito irá apresentar suas próprias características devido a sua realidade linguística.

A perspectiva linguística pode ser compreendida como “[...] um processo de transferência da sequência temporal da fala para a sequência espaço direcional da escrita, e de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. [...]” (SOLÉ, 2001, p. 21), ou seja, nessa perspectiva a alfabetização será vista como um processo natural, em que a fala oral será naturalmente transferida para a forma escrita.

Os condicionantes do processo de alfabetização

A escola é composta por diferentes membros, o corpo escolar, que é composto por professores, alunos, gestores e funcionários que apresenta em sua composição diferentes tipos de classes sociais, culturas e valores. Neste caso, essa diversidade faz com que a instituição escolar se torne espaço da multiculturalidade, no qual cabe a cada indivíduo respeitar/aceitar as particularidades de cada um.

As diferentes realidades sociais que existem no espaço escolar, principalmente na sala de aula, fazem com que o processo de alfabetização se torne mais complexo, pois o conhecimento prévio trazido pelos sujeitos de diferentes classes e culturas faz com que cada indivíduo tenha um modo de aprender as normas que compõe o processo da fala oral e escrita. Segundo Solé (2001, p.22) “É evidente que esse contexto escolar, com seus preconceitos linguísticos e culturais, afeta o processo de alfabetização das crianças [...]”, dessa forma percebemos como a escola torna-se um espaço de discriminação cultural e social somente pelo fato do outro falara e até mesmo se expressar de forma diferente.

Ao serem inseridas no espaço escolar, as crianças encontram dificuldades em se adaptar ao processo de alfabetização, pois a realidade linguística dos sujeitos, principalmente dos indivíduos de classes sociais menos privilegiadas, é distante da linguagem que é proposta e apresentada pela escola, tendo em vista que os alunos devem aprender a linguagem oral e escrita de acordo com a norma culta do português, já que essa é a maneira “correta”, valorizada e ditada pelo meio escolar e pela sociedade em geral.

O fracasso escolar é uma realidade que atinge um número considerável de estudantes brasileiros, essa estimativa ocorre devido as dificuldades encontradas por grande parte dos estudantes no processo de alfabetização, esses obstáculos dizem respeito tanto as exigências exageradas por parte da escola em querer que a criança assim que adentre no espaço escolar já consiga como em passe de mágica absolver tudo o que está sendo repassado quanto da própria sociedade que exclui e condena aqueles que por algum motivo interno ou externo não conseguiu aprender no tempo “certo” determinado assunto.

Segundo Solé (2001, p.22) “[...] a escola atua, na área da alfabetização, como se fosse uma aprendizagem “neutra”, despida de qualquer caráter político. Aprender a ler e escrever, para a escola, parece apenas significar a aquisição de um “instrumento” para a futura obtenção de conhecimentos [...]”, ou seja, o processo de alfabetização não passa de um meio para se obter

conhecimentos mais sistemáticos, deixando de lado o senso crítico e reflexivo do indivíduo enquanto sujeito social ativo.

Acompanhamento: família, escola e professor

O processo educativo não é constituído apenas por educadores e educandos, mesmo que indiretamente, participam do processo de alfabetização a escola, família e a comunidade, pois esses terão fundamental importância para a construção dos conhecimentos e da vida escolar dos sujeitos.

A criança desde seu nascimento interage com o meio social a qual pertence, adquirindo assim desde muito cedo, valores, crenças, costumes. Neste caso, percebemos o quão importante é a presença da família, principalmente na fase inicial do processo educativo da criança, já que essa não está acostumada com a sistematização das ideias e das muitas regras expostas para o cumprimento. É a família que motivará a criança a persistir neste novo mundo que é a escola; é a família que ajudará a criança a se adaptar aos novos conceitos emitidos pela instituição.

Segundo Solé (1998, p.50) “[...] é necessária a presença de um adulto, de um meio social, que ajude a criança em um processo de aprendizagem que ocorre na interação educativa, seja de tipo formal, como acontece na escola, seja informal, como no caso da família”, ou seja, independente da fase em que se encontra determinada criança será sempre necessário a presença de alguém que tenha habilidades suficientes para mediar tal processo, para que conseqüentemente atinja de forma positiva o sujeito.

A criança precisa ser protagonista do seu processo de alfabetização, porém faz-se necessário a presença e o acompanhamento de um alfabetizador que não deve ser um simples coadjuvante, mas alguém que tenha competência para planejar, organizar e usar as situações cotidianas que muitas vezes são consideradas desprezíveis e que não integram características positivas, como meio de promover uma melhor aprendizagem.

A educação precisa ter um objetivo concreto, para que só assim se tenha a motivação para buscar aprender aquilo que não se sabe. Nesta perspectiva, na própria escola se constrói o espaço necessário para que haja a ação intensiva dos sujeitos, o que traz como consequência a ampliação dos conhecimentos De acordo com Marta Kohl de Oliveira:

A escola é, assim, um lugar social onde o contato com o sistema de escrita e com a ciência enquanto modalidade de construção de conhecimento se dá de forma sistemática e intensa, potencializando os efeitos desses outros aspectos culturais sobre os modos de pensamento. Além disso, na escola o conhecimento em si é objeto privilegiado da ação dos sujeitos envolvidos, dependentemente das ligações

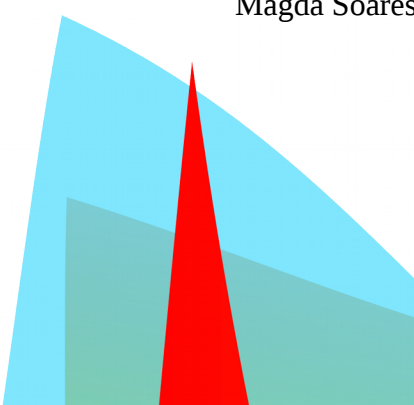
desse conhecimento com a vida imediata e com a experiência concreta dos sujeitos. (OLIVEIRA, apud KLEIMAN, 1995, p.156).

Ou seja, o conhecimento, desde sempre foi objeto de privilégio na sociedade como um todo, sobretudo na escola, já que é nessa instituição que se define os que são capazes ou não de obter tal conhecimento, esquecendo que este é resultado das experiências adquiridas em seu contexto social que muitas vezes é discriminado e excluído.

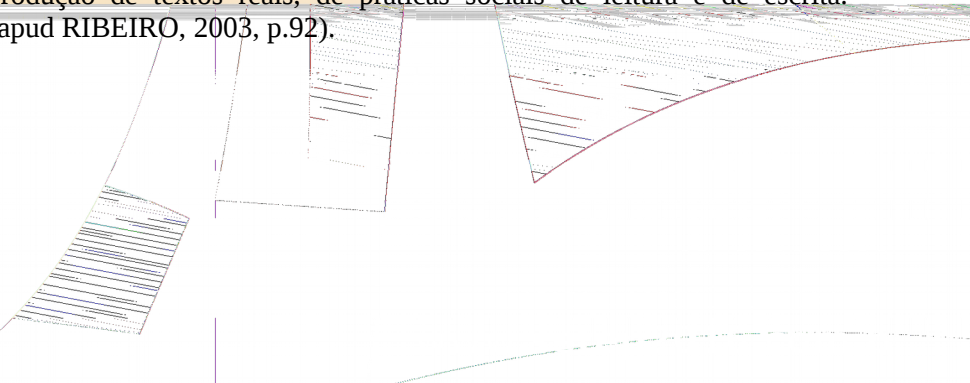
Enquanto educadores devemos enxergar a alfabetização como um processo que permite ao indivíduo que está em construção a autonomia em ser, em fazer e em conhecer. Em ser aquilo que pretende, tendo em vista a sua realidade e as suas lutas diárias; em fazer aquilo que inicialmente era difícil e complexo, mas com o passar dos dias se tornou algo possível já que agora tinha-se adquirido habilidades suficientes para concretizar; e finalmente em conhecer aquilo que lhe era privado somente pelo fato de ainda não ser conhecido. Nesse sentido, afirma Lorenzet e Giroto (2010) “Se o sujeito escolar aprender a conhecer, conseguirá de modo autônomo, aprender a aprender. Quando conseguir aprender a fazer, terá uma competência em experiências práticas”.

Ferreiro aborda que “aprender a ler e a escrever, em uma sociedade letrada, tem o significado de apropriação de poder, de um instrumento que permite participar na sociedade como um cidadão pleno, e não como cidadão pela metade” (1990, p. 69), ou seja, para que o sujeito possa exercer o seu papel de cidadão é necessário que tenha conhecimentos e seja alfabetizado, pois somente assim, será valorizado pelo meio social, já que o que mais se preza nos dias atuais é a inteligência e uma grande “quantidade” de conhecimentos. Neste caso, desprezam-se as origens, as crenças, os costumes e os valores que a criança carrega antes mesmo de entrar no espaço escolar.

Magda Soares aponta que:



Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida não, como em concepções anteriores, com textos artificialmente para a aquisição das “técnicas” de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES apud RIBEIRO, 2003, p.92).



Ou seja, de acordo com Soares (2003) um sujeito alfabetizado nem sempre é um sujeito letrado, pois este pode ter tido sua alfabetização embasada em um processo sem significado e reflexão, o que conseqüentemente o fará um analfabeto funcional, que consegue ler e escrever, mas que não a utiliza como ferramenta de transformação, conscientização e reflexão sobre a sociedade e sobre si mesmo.

Da mesma maneira, podemos afirmar que um sujeito letrado é aquele que usa socialmente a prática letrada conforme a realidade que e experimenta diariamente; é aquele que se apropria de tal conhecimento e o usa de forma autônoma, livre e criativa.

Considerações Finais

Ao finalizarmos a escrita deste artigo consideramos de suma importância suscitar uma reflexão sobre a complexidade do processo de alfabetização, sabendo que esta é uma das fases de maior conflito e desafio da vida escolar de uma criança, já que é nela que acontece o primeiro contato da criança com ideias sistematizadas, levando está a desconstruir os saberes que trouxe de seu meio social e se adaptar as normas/regras da leitura e escrita baseado na norma culta. Dessa forma, para que o indivíduo possa obter sucesso em seu percurso alfabetizante faz-se necessário o acompanhamento da família, da escola e dos professores.

A fase inicial da vida escolar das crianças é vista por muitos sujeitos apenas como um momento no qual os educandos irão adquirir a aquisição de letras, números, sons, sendo que este processo deverá ser realizado apenas de forma mecânica, impossibilitando que o sujeito se construa como um ser crítico e reflexivo. No presente artigo buscamos modificar esta visão, pretendemos que ao realizarem a leitura deste, educadores, gestores e público em geral, possam compreender a relevância do processo de alfabetização e como este tem decisiva importância para a construção de sujeitos críticos e reflexivos que serão capazes de modificar futuramente a si e a sua realidade social.

Dessa forma, como afirma Soares (2011, p.57) “[...] a alfabetização é instrumento na luta pela conquista da cidadania.”, ou seja, para que o sujeito possa exercer o papel de cidadão dentro da sociedade é necessário que o mesmo seja alfabetizado, pois somente assim será considerado “capaz” de participar ativamente na sociedade, dessa forma, percebemos como a alfabetização tem forte influência na formação escolar e social do indivíduo.

Nesta perspectiva, compreendemos que enquanto educadores, devemos ter comprometimento com o ser humano que pretendemos formar, e que através de nossa prática/didática possamos contribuir para que seja conquistada a sociedade almejada, dessa maneira, é fundamental aliar à nossa prática com as ideais de transformação das desigualdades sociais existentes em nossa sociedade atual, a fim de que todos conquistem seus direitos de Educação, não apenas em acesso, mas também em qualidade

Referências

LORENZET, Deloíze; GIROTTO, Juliana Carla. **A alfabetização e letramento na prática pedagógica**. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional das Linguagens – URI/Erechim/RS, maio/ p. 390-398. 2010

FERREIRO, Emília. **Os Filhos do Analfabetismo: propostas para a alfabetização escolar na América Latina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. (Org.). **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF** (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional). São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. trad. Cláudia Schilling - 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.